

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI

Paulo Coelho

NOTA DO AUTOR

Um missionário espanhol visitava uma ilha quando encontrou três sacerdotes astecas.

— Como rezam vocês ? — perguntou o padre.

— Temos apenas uma oração — respondeu um dos astecas. — Nós dizemos: «Deus, Tu És três, nós somos três. Tende piedade de nós.»

— Bela oração — disse o missionário. — Mas ela não é exactamente a prece que Deus escuta. Vou ensinar-vos uma muito melhor.

O padre ensinou-lhes uma oração católica, e seguiu o seu caminho de evangelização. Anos depois, já no navio que o levava de volta à Espanha, teve que passar de novo por aquela ilha. Do convés, viu os três sacerdotes na praia — e acenou-lhes.

Nesse momento, os três começaram a caminhar pela água, na sua direcção.

— Padre! Padre! — chamou um deles, aproximando-se do navio. — Ensina-nos de novo a oração que Deus escuta, porque não conseguimos lembrar-nos!

— Não importa — disse o missionário vendo o milagre. E pediu perdão a Deus, por não ter entendido antes que Ele falava todas as línguas.

Esta história exemplifica bem o que procuro contar em “Na Margem do rio Piedra eu sentei e chorei”. Raramente nos damos conta de que estamos cercados pelo Extraordinário. Os milagres acontecem à nossa volta, os sinais de Deus mostram-nos o caminho, os anjos pedem para ser ouvidos — mas, como aprendemos que existem fórmulas e regras para chegar até Deus, não damos atenção a nada disto. Não entendemos que Ele está onde O deixam entrar.

As práticas religiosas tradicionais são importantes: elas fazem--nos partilhar com os outros a experiência comunitária da adoração e da oração. Mas nunca podemos esquecer que a experiência espiritual é sobretudo uma experiência prática de Amor. E no Amor não existem regras. Podemos tentar seguir manuais, controlar o coração, ter uma estratégia de comportamento — mas tudo isso é tolice. O coração decide, e o que ele decidir é o que vale.

Todos nós já o experimentámos na vida. Todos nós, em algum momento, já dissemos entre lágrimas: «Estou a sofrer por um amor que não vale a pena». Sofremos porque achamos que damos mais do que recebemos. Sofremos porque o nosso amor não é reconhecido. Sofremos porque não conseguimos impor as nossas regras.

Sofremos à toa: porque no amor está a semente do nosso

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI

Paulo Coelho

crescimento. Quanto mais amamos, mais próximos estamos da experiência espiritual. Os verdadeiros iluminados, com suas almas incendiadas pelo Amor, venciam todos os preconceitos da época. Cantavam, riam, rezavam em voz alta, dançavam, compartilhavam aquilo que São Paulo chamou «santa loucura». Eram alegres – porque quem ama venceu o mundo, não tem medo de perder nada. O verdadeiro amor é um acto de entrega total.

“Na Margem do rio Piedra eu sentei e chorei” é um livro sobre a importância desta entrega. Pilar e o seu companheiro são personagens fictícios, mas símbolos dos muitos conflitos que nos acompanharam na busca da Outra Parte. Cedo ou tarde, temos que vencer os nossos medos – já que o caminho espiritual se faz através da experiência diária do amor.

O monge Thomas Merton dizia: «A vida espiritual resume-se em amar. Não se ama porque se quer fazer o bem, ou ajudar, ou proteger alguém. Se assim agimos, estaremos a ver o próximo como simples objecto, e estaremos a ver-nos a nós mesmos como pessoas generosas e sábias. Isso nada tem a ver com amor. Amar é comungar com o outro, e descobrir nele a centelha de Deus.»

Que o pranto de Pilar na margem do rio Piedra nos conduza pelo caminho desta comunhão.

PAULO COELHO

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI
Paulo Coelho

NA MARGEM DO RIO PIEDRA

PERGAMINHO

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI
Paulo Coelho

EU SENTEI E CHOREI. Conta a lenda que tudo o que cai nas águas deste rio – as folhas, os insectos, as penas das aves – se transforma nas pedras do seu leito. Ah, quem me dera que eu pudesse arrancar o coração do meu peito e atirá-lo na correnteza, e então não haveria mais dor, nem saudade, nem lembranças.

Nas margens do Rio Piedra eu sentei e chorei. O frio do Inverno fez com que eu sentisse as lágrimas na face, e elas misturaram-se com as águas geladas que corriam diante de mim. Em algum lugar, este rio junta-se com outro, depois com outro, até que – distante dos meus olhos e do meu coração – todas estas águas se confundem com o mar.

Que as minhas lágrimas corram assim para bem longe, para que o meu amor nunca saiba que um dia chorei por ele. Que as minhas lágrimas corram para bem longe, e então eu esquecerei o rio Piedra, o mosteiro, a igreja nos Pirenéus, a bruma, os caminhos que percorremos juntos.

Eu esquecerei as estradas, as montanhas e os campos dos meus sonhos – sonhos que eram meus, e que eu não conhecia.

Eu lembro-me do meu instante mágico, daquele momento em que um «sim» e um «não» podem mudar toda a nossa existência. Parece ter acontecido há tanto tempo e, no entanto, faz apenas uma semana que reencontrei o meu amado e o perdi.

Nas margens do Rio Piedra escrevi esta história. As mãos ficavam geladas, as pernas entorpecidas pela posição e eu precisava parar a todo o instante.

— Procure viver. Lembrar é para os mais velhos — dizia ele.

Talvez o amor nos faça envelhecer antes da hora e nos torne jovens quando a juventude já passou. Mas como não recordar aqueles momentos? Por isso escrevia, para transformar a tristeza em saudade, a solidão em lembranças. Para que, quando acabasse de contar a mim mesma esta história, a pudesse lançar no Piedra — assim me tinha dito a mulher que me acolheu. Para que então — lembrando as palavras de uma santa — as águas pudessem apagar o que o fogo escreveu.

Todas as histórias de amor são iguais.

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI
Paulo Coelho

Tínhamos passado a infância e a adolescência juntos. Ele partiu, como todos os rapazes das cidades pequenas. Disse que ia conhecer o mundo, que os seus sonhos iam além dos campos de Soria.

Fiquei alguns anos sem notícias suas. De vez em quando recebia uma carta ou outra, mas isso era tudo — porque ele nunca voltou aos bosques e às ruas da nossa infância.

Quando terminei os meus estudos, mudei-me para Saragoça — descobri que ele tinha razão. Soria era uma cidade pequena e o seu único poeta famoso dissera que o caminho é feito ao andar. Entrei para a faculdade e arranjei um noivo. Comecei a estudar para um concurso público que não acontecia nunca. Trabalhei como vendedora, paguei os meus estudos, fui reprovada no concurso público, desisti do noivo.

As suas cartas, então, começaram a chegar com mais frequência — e pelos selos de diversos países, eu sentia inveja. Ele era o amigo mais velho, que sabia tudo, percorria o mundo e deixava crescer as suas asas — enquanto que eu procurava criar raízes.

De uma hora para a outra, as suas cartas falavam em Deus e vinham sempre de um mesmo lugar em França. Numa delas, manifestou o desejo de entrar para um seminário e dedicar a sua vida à oração. Eu escrevi de volta, pedindo-lhe que esperasse um pouco, que vivesse um pouco mais a sua liberdade antes de se comprometer com algo tão sério.

Quando li a minha carta, resolvi rasgá-la: quem era eu para falar em liberdade ou compromisso? Ele sabia dessas coisas e eu não.

Um dia soube que ele estava a proferir palestras. Fiquei surpresa, porque era jovem de mais para ensinar qualquer coisa. Mas, há duas semanas atrás, mandou-me um cartão onde dizia que iria falar para um pequeno grupo em Madrid e fazia questão da minha presença.

Viajei durante quatro horas, de Saragoça a Madrid, porque queria tornar a vê-lo. Queria ouvi-lo. Queria sentar-me com ele num bar e lembrar os tempos em que brincávamos juntos e achávamos que o mundo era grande de mais para ser percorrido.

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI
Paulo Coelho

SÁBADO, 4 DE DEZEMBRO DE 1993

PERGAMINHO

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI

Paulo Coelho

A conferência tinha lugar num local mais formal do que eu tinha imaginado, e tinha muito mais gente do que eu esperava. Não percebia como é que tudo aquilo estava a acontecer.

«Se calhar ficou famoso», pensei. Não me tinha dito nada nas suas cartas. Senti vontade de falar com as pessoas presentes, perguntar o que faziam ali, mas não tive coragem.

Fiquei surpresa ao vê-lo entrar. Parecia diferente do rapaz que eu conheci – mas claro, em onze anos, as pessoas mudam. Estava mais bonito e os seus olhos brilhavam.

– Está a devolver-nos o que era nosso – disse uma mulher ao meu lado.

A frase era estranha.

– O que é que ele está a devolver? – perguntei.

– Aquilo que nos foi roubado. A religião.

– Não, ele não nos está a devolver – disse uma mulher mais jovem, sentada à minha direita. – Eles não nos podem devolver aquilo que já nos pertence.

– O que é que está aqui a fazer, então? – perguntou, irritada, a primeira mulher.

– Quero ouvi-lo. Quero ver como pensam, porque já nos queimaram um dia, e podem querer repetir.

– Ele é uma voz solitária – disse a mulher. – Está a fazer o possível.

A jovem esboçou um sorriso irónico e, voltando-se para a frente, encerrou a conversa.

– Para um seminarista, é uma atitude corajosa – continuou a mulher, desta vez olhando para mim, à procura de apoio.

Eu não estava a perceber nada, fiquei calada, e a mulher desistiu. A jovem ao meu lado piscou-me um olho – como se eu fosse sua aliada.

Mas eu estava quieta por outra razão. Pensava no que a mulher tinha dito.

«Seminarista».

Não podia ser. Ele teria avisado.

Ele começou a falar e eu não conseguia concentrar-me. «Devia ter-me vestido melhor», pensava, sem entender a causa de tanta preocupação. Ele tinha-me visto na plateia e eu tentava decifrar os seus pensamentos: como estaria eu? Qual a diferença entre uma menina de dezoito anos e uma mulher de vinte e nove?

A sua voz era igual. No entanto, as suas palavras tinham mudado muito.

NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI
Paulo Coelho

É preciso correr riscos, dizia ele. Só percebemos realmente o milagre da vida quando deixamos que o inesperado aconteça.

Deus dá-nos todos os dias – junto com o sol – um momento em que é possível mudar tudo o que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não nos apercebemos desse momento, que ele não existe, que hoje é igual a ontem e será igual ao amanhã. Mas, quem presta atenção ao seu dia, descobre o instante mágico. Ele pode estar escondido na altura em que enfiamos a chave na porta, pela manhã, no instante de silêncio logo após o jantar, nas mil e uma coisas que nos parecem iguais. Mas esse momento existe – um momento onde toda a força das estrelas passa por nós, e nos permite fazer milagres.

Às vezes, a felicidade é uma bênção – mas geralmente é uma conquista. O instante mágico do dia ajuda-nos a mudar, faz-nos ir em busca dos nossos sonhos. Vamos sofrer, vamos ter momentos difíceis, vamos enfrentar muitas desilusões. Mas tudo isso é passageiro e não deixa marcas. E, no futuro, poderemos olhar para trás com orgulho e fé.

Mas pobre de quem teve medo de correr riscos. Porque esse talvez não se decepcione nunca, nem tenha desilusões, nem sofra como aqueles que têm um sonho a seguir. Mas quando olhar para trás – porque olhamos sempre para trás – vai ouvir o seu coração a dizer: «O que fizeste com os milagres que Deus semeou nos teus dias? O que fizeste com os talentos que o teu Mestre te confiou? Enterraste-os bem fundo numa cova, porque tinhas medo de perdê-los. Então, esta é a tua herança: a certeza de que desperdiçaste a tua vida.»

Pobre daquele que escuta estas palavras. Porque então acreditará em milagres, mas os instantes mágicos da vida já terão passado.